

PIMENTA NA LÍNGUA



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.

Neste Pimenta na Língua dou totalmente a palavra ao Frei Herculano Alves, um grande amigo com quem dialogo muito sobre a vida, os caminhos para Deus e certas questões existenciais.

As questões que lhe pus durante uma consulta foram passadas a papel, e as respostas do Frei Herculano são de tal forma profundas que não admitem qualquer nota introdutória.

“Herculano Alves é Franciscano Capuchinho português. Estudou Teologia no Instituto Católico de Toulouse (França), Filologia Românica na Universidade de Coimbra e Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma, tendo feito o seu doutoramento em Teologia Bíblica na Universidade Pontifícia de Salamanca. De 1986 a 2011 foi professor de Sagrada Escritura na Universidade Católica Portuguesa. Foi também Coordenador Geral e tradutor de vários livros da Bíblia dos Capuchinhos (Difusora Bíblica), Diretor do Movimento de Dinamização Bíblico dos Capuchinhos em Portugal durante vinte anos e Diretor da Revista Bíblica.”

JOÃO PIMENTA CONVERSA COM...

De que forma vê a publicidade na medicina dentária?

Antes de responder diretamente à sua questão, gostaria de dizer o seguinte: A medicina dentária, tal como outros ramos da medicina, tornou-se, para muitos, um grande negócio. Este negócio tem a sua origem no Estado português, que não incluiu verdadeiramente a medicina dentária no Serviço Nacional de Saúde. Este – e apenas há muito pouco tempo – limita-se a “arrancar dentes” e pouco mais; ou seja, não oferece aos cidadãos contribuintes os mesmos serviços que presta noutros setores da saúde pública.

Se o Estado incluísse a medicina dentária no Serviço Nacional de Saúde, também estava a contribuir para dar emprego aos jovens médicos dentistas, que, no início da carreira, não têm possibilidade de se estabelecerem e são explorados por grandes clínicas desse ramo de negócio.

A partir desta atitude do Estado português, os privados encontram um campo aberto para o lucro, que, para muitos dentistas, ou empresários deste ramo de negócios, se tornou mais um campo de exploração, não de petróleo, mas de dinheiro, como noutro qualquer ramo de negócio mas repito, a culpa não é tanto dos médicos dentistas, como do Estado português que, pelos vistos, acha que os dentes não são muito necessários, nem provocam doenças graves, inclusive do coração.

Pior ainda, os partidos políticos, que mais apregoam a importância do SNS, chegados ao governo, pouco ou nada fazem neste campo tão importante da saúde pública. Este é, a meu ver, um aspeto em que os nossos 230(!) deputados da Assembleia da República ainda não se “lembraram” de resolver. Se não o fizeram, por algum motivo foi... Estão mais interessados em abortos, no “casa e descasa” dos divórcios, nas eutanásias... – mesmo neste ambiente de tantas mortes pela pandemia – do que em tratar da saúde dos portugueses, que lhes pagam chorudos ordenados com os seus impostos.

Depois destas palavras, fica a seguinte pergunta: Quantos portugueses – a ganhar menos do salário mínimo – poderão fazer um tratamento dentário que, frequentemente, custa vários milhares de euros?



Frei Herculano Alves.

Nestes factos radica a questão colocada pelo Doutor Pimenta: a publicidade na medicina dentária. É evidente que um negócio destes procura o maior número possível de clientes. Esta questão vem a propósito, pois ainda há dias, na própria clínica do Doutor Pimenta, recebi um telefonema de Lisboa a propor-me consultas numa série de clínicas dentárias dispersas pelo país. Portanto, a publicidade na medicina dentária tornou-se semelhante à publicidade empresarial. E o pior que pode acontecer aos pobres portugueses é a medicina tornar-se um negócio mais ou menos sujo.

Acha que colide com a ética e com os valores?

É evidente que esta publicidade de tipo empresarial, no campo da medicina dentária, não tem em conta os valores humanistas da pessoa como tal, muito menos os seus valores espirituais. Tem em conta apenas os valores monetários, materiais, que a pessoa possa despende na clínica dentária.

Neste caso, a pessoa como tal não é considerada, mas apenas o seu dinheiro. Portanto, aquele que não tem dinheiro para gastar com a saúde oral torna-se um marginalizado pelo Estado e pelo grande capital “dentário”. E chamam a isto “socialismo”! Como se esse termo, já tão gasto e bolorento, tivesse hoje algum sentido, no meio de tanta injustiça social.

Basta olhar para os miseráveis 300 euros que ganha um trabalhador do campo reformado, que gastou os seus anos a criar uma família, a dar de comer a tantos portugueses, em comparação com os cerca de 4000, mais benesses, que ganha um deputado, por estar inscrito num partido político. Ética é o que falta nesta sociedade e não apenas na medicina dentária.

A que se deve a perda desses valores? De que forma as pessoas não distinguem, por vezes, o bem do mal?

A sua pergunta é pertinente, no sentido em que a sociedade atual, chamada do “progresso”, relegou para outros planos, aquilo que é essencial: a pessoa humana. O verdadeiro progresso (de que certas pessoas enchem a boca), se não promove a pessoa humana, nos seus valores essenciais, deixa de ser progresso para se tornar retrocesso.

É uma ilusão o progresso que não tem em conta os grandes valores da pessoa, de todas as pessoas: o bem-estar material, a igualdade de direitos e de oportunidades, a promoção dos valores espirituais, que conduzem a uma sincera e verdadeira fraternidade humana.

Ora, isto não acontece atualmente na sociedade portuguesa, eivada de egoísmos gritantes, onde faltam os valores absolutos, as referências, as normas morais, que são insitos

à consciência de todo o ser humano. O princípio (i)moral que predomina é fazer... “o que me apetece”. Sim, este princípio tornou-se a norma de agir: por exemplo, se me apetece matar, mato; se me apetece “roubar” uns milhões do banco (à custa dos impostos pagos com suor e lágrimas dos contribuintes), “roubo”. E nada acontece, mas aquele que “furta” umas laranjas, vai para a cadeia penar, porque “roubou”; o primeiro apenas “desviou”.

E pior ainda: o banqueiro tem a chave do cofre do Banco que ele próprio assalta...

Muitos destes desmandos acontecem porque se confunde o que é moral com o que é juridicamente “legal”. Há leis que são imorais, porque ferem o mais íntimo da natureza humana, como é o caso de algumas leis sobre a família.



A antropologia filosófica não é uma batata, mas uma ciência que exprime o cerne, o coração dos seres humanos, como sujeito de direitos, mas também de deveres. Os meus direitos terminam na fronteira em que começam os direitos do outro, a dignidade do outro. O respeito desta fronteira é a base da ética.

Alguém poderá dizer: Aí está ele a moralizar! Isto não é moralizar. É reavivar a memória de factos do dia-a-dia de um país altamente corrompido e corrupto, porque a grande corrupção não costuma ser penalizada. Quem diz que isto é “moralizar” ou é inconsciente ou hipócrita.

Que papel tem a consciência em todos os aspetos referidos?

Tudo o que acabamos de afirmar é o resultado terrível da perda de algo essencial à pessoa humana: a consciência. A consciência é uma voz interior de que apenas os seres humanos são dotados. O cãozinho lá de casa não faz isto ou aquilo porque a consciência lhe diz que está certo ou errado. Guia-se apenas pelos instintos. É um animal. E os seres humanos que, à força de deixarem de ouvir a voz da consciência, já quase não distinguem o bem do mal. Já confun-

dem “os dois caminhos”, de que fala o Salmo 1, a propósito do bem e do mal.

A consciência ficou embotada. Ao seguirem o princípio (i) moral do que “me apetece”, estão a portar-se como o animalzinho lá de casa. A chamada sociedade “moderna”, que segue o princípio do que “me apetece”, está a degradar-se, a voltar à condição de... (o leitor que conclua).

À luz da palavra da Bíblia, qual o papel do médico, enquanto cuidador da grande obra divina?

A grande palavra do humanismo cristão encontra-se na Bíblia, sobretudo nos Evangelhos. As pessoas, ao abandonarem a Igreja, também abandonaram o Evangelho de Jesus Cristo, que é o grande código do humanismo cristão. Dizer que o Evangelho é um livro de sacristia é não perceber nada de humanismo, de civilização ocidental, do progresso das ciências modernas, que nasceram todas no âmbito do humanismo ocidental, europeu.

Respondendo, mais diretamente à sua questão, estou a recordar dois verbos de uma passagem-chave do sentido da vida humana sobre a terra. Parece uma passagem inocente, mas encerra uma imensa sabedoria milenar. Tem dois verbos que pesam uma tonelada. Depois de criar o mundo como um Jardim, ou seja, uma espécie de oásis luxuriante no meio do deserto, é dito:

“O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar” (Génesis, 2,15).

O Criador ofereceu gratuitamente aos humanos o “jardim”, mas com duas incumbências a executar responsabilmente: de o cultivar, isto é, de o melhorar, de o fazer produzir mais riqueza; de o tornar ainda mais belo; e também de o guardar, isto é, de não o deixar degradar, de o defender da invasão das feras do deserto. Estes dois verbos exprimem claramente as funções dos humanos sobre a terra: tornar este mundo mais belo e fazermos-nos felizes uns aos outros.

Porque acontecem tantas injustiças e violências que criam o inferno na terra? Porque é que, em vez do paraíso na terra, temos tantas vezes o “inferno”? Porque todos temos cá dentro um “vírus”, pior que o da atual pandemia: o “vírus” do egoísmo feroz, que é capaz de matar o outro, os outros. É a volta à lei da selva; ou melhor, o Jardim transformado em “deserto”.

Depois, dizemos que Deus é que é o culpado disto e daquilo... ■

Com Frei Herculano Alves